

TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR

11 DE FEVEREIRO DE 2024

MARCOS 9.2-9

Sugestão de tema: “Escutem o que ele [Deus/Jesus] tem a dizer”

Nota Introdutória

A proposta de o auxílio homilético fornecer uma explicação breve de cada uma das leituras do Domingo, é a de ressaltar a unidade teológica do Antigo e do Novo Testamento, bem como a importância da compreensão por parte de quem está ouvindo a Palavra. É verdade, às vezes a conexão não é tão evidente assim, mas um cuidadoso e organizado estudo, bem como um olhar devocional vai gerar essa percepção de unidade e facilitar a pregação de todos os desígnios de Deus, articulando bem o que nos condena (Lei) e o que nos conforta (Evangelho).

Os salmos

Sobre o salmo quero começar falando da sua leitura nos cultos. Será que basta recitar o texto do salmo ou cantá-lo?! A Escola de interpretação bíblica de Antioquia afirma que não. É preciso estudar e entender bem o contexto original do salmista e evidentemente bem o texto da sua perspectiva gramatical e teológica [como todo o texto bíblico]. Um dos estudiosos dos pais da Igreja (Christopher Hall), pega essa ideia de intérpretes de Antioquia. Essa escola deu início ao método de estudo da Bíblia denominado de histórico-gramatical e que é praticado hoje nas igrejas e teologias conservadoras.

Tomando como base Deodoro de Tarso, cuja data da morte é 390 D.C., Hall acentua que a aplicabilidade dos salmos é para aqueles que revivem a situação do salmista e não àqueles que o fazem irrefletidamente. É necessário reflexão, compreensão histórica e gramatical [e lógica] das palavras do salmo. É por isto que se sugere que se entenda e se explique o salmo como palavra de Deus através da qual o Espírito Santo vai agir na vida das pessoas.

Salmo 50.1-6 – Contexto e conteúdo

O Salmo 50 pode ter sido composto para uma liturgia no templo e na qual o povo de Deus reafirmou seu compromisso com a aliança divina. Um líder do coro levítico é responsável por conduzir esse momento e é ele que fala em nome de Deus.

Por isso, uma sugestão pode ser o pastor fazer a leitura de todos os versículos nesse dia. O autor do Salmo é Asafe, um dos cantores levitas (1 Cr 6.39). Ele também é autor dos salmos 73 a 83. Este aqui, o 50, pode ter sido deslocado para cá por razões temáticas.

Em termos de contexto e conteúdo, existem diferentes versões, mas nas quais há alguns pontos em comum, especialmente um aspecto e que é o principal: é preciso ouvir a Deus através da sua Palavra. Esta é a linha temática sugerida no Domingo da Transfiguração e cujo ápice está em Marcos 9.7: “escutem o que ele diz”.

Essa ideia acaba perpassando todas as três possibilidades do contexto desse salmo. A primeira é que ele poderia estar ligado à Festa dos Tabernáculos (Dt 31.9-13) e a leitura da Torá [ouvir a Deus], que acontecia nessa semana. Lembrando que a Festa dos Tabernáculos é uma celebração de uma semana e na qual se busca lembrar a viagem do Egito a Canaã e expressar a gratidão pela colheita (Dt 16.13-15).

A segunda alternativa de contexto é de que, como parece terem havido equívocos na compreensão dos sacrifícios, o salmo também pode ter sido composto tendo como pano de fundo as profecias de Amós, Miqueias e Isaías. Nesse caso, ele teria sido escrito nos anos 700 a.C. e, independentemente de ter fundamento ou não essa possibilidade, o ponto em comum com a primeira interpretação é a leitura da Palavra para se conhecer mais a Deus.

Também há esse ponto em comum com a terceira possibilidade, pois ela tem relação com a reforma de Josias (2 Rs 22.23-25), que aí seria no tempo do profeta Jeremias, mas que tem a ver novamente com a leitura da Torá. Ou seja, deixa Deus falar e quando ele fala é preciso ouvir! Ele não se cala.

Fogo devorador e grande tormenta (tempestade violenta) são expressões usadas pelo salmista para dizer que Deus não guarda silêncio. Contudo, vale lembrar que Elias, no Monte Horebe (1 Rs 19.11-13), pôde ouvir a Deus através de uma suave brisa. Não foi num furacão, nem num terremoto e nem no fogo, foi “no vento do Espírito”.

Outra coisa importante a observar é que esses primeiros seis versículos são preparatórios para o que vem em seguida: o povo precisa escutar a Lei e o Evangelho. A repreensão e o afago, que dá para perceber isto claramente no restante do Salmo.

Por exemplo: Escute, meu povo, e eu falarei; ó Israel, e eu testemunharei contra você. Eu sou Deus, o seu Deus (v.7). Invoque-me no dia da angústia; eu o livrarei, e você me glorificará (v.15).

Êxodo 34.29-35 (2 Rs 2.1-12)

Sobre a leitura do Antigo Testamento, uma das alternativas é a narrativa que descreve a ascensão de Elias ao céu. Interessante que Eliseu lamentou não ver mais a Elias, mas aos discípulos Pedro, Tiago e João foi dado o privilégio de ver ele e Moisés na Transfiguração de Jesus (Mc 9.2-9). Nesse caso, seria uma oportunidade para lembrar uma história bíblica que descreve verdades sobre Deus e sobre as pessoas, que é a chave de interpretação de um texto narrativo. No caso, Deus conduzindo e guiando a vida de seus filhos, Elias e Eliseu e eles, como seres humanos não compreendendo totalmente os caminhos de Deus e até fazendo pedidos meio que impossíveis de se realizarem, como o de Eliseu que pediu “porção dobrada do seu espírito” (v.9,10).

Se a gente quiser seguir na linha e manter a ideia do tema em “Deus falar”, a opção melhor de leitura talvez seja Êxodo, pois esse recorte mostra o resultado da conversa que Deus teve com Moisés e que o apóstolo Paulo faz alusão em 2 Coríntios 3.12-18. Além disso, como a pele e o rosto de Moisés resplandeciam, seria mais fácil a relação com a leitura do Evangelho e o momento da Transfiguração. No entanto, o ponto também importante é que Deus falou com Moisés, para que ele falasse ao povo em nome de Deus.

2 Co 3.12-18

Esse recorte do texto da epístola está numa seção maior (capítulos 1 a 7), em que o apóstolo faz uma defesa do seu ministério e do evangelho. Depois de dizer aos coríntios de que eles eram como cartas de Cristo, agora ele lhes convida a ouvir a Deus com o rosto descoberto, contemplando a glória de Jesus. Deus está nos dizendo com isto que a antiga aliança foi temporária e agora é inadequada, face ao caráter permanente da nova aliança em Jesus Cristo.

Só quem foi convertido pelo Espírito Santo ao Senhor Jesus, a glória de Deus, poderá viver na liberdade de ter sido resgatado das regulamentações da antiga aliança e assim ser “transfigurado” gradualmente na imagem do próprio Cristo.

Mc 9.2-9

Minha sugestão é de que se leia **Marcos 9.1-9**, ou então se explique um pouco do significado do versículo 1, que é de certa forma um verso chave para se compreender melhor ainda o momento da Transfiguração.

O que diz o texto

O texto narra o momento em que Jesus convida a Pedro, Tiago e João para subirem a um alto monte. Lá, Jesus foi transfigurado e suas roupas ficaram absolutamente brancas. Para surpresa e incompreensão dos três discípulos, lá apareceram Elias e Moisés, conversando com Jesus. Pedro nem soube o que dizer e propôs que se fizessem três tendas: uma para Jesus e outras duas para Moisés e Elias. Ainda meio apavorados, eles foram envolvidos numa nuvem e então ouviram uma voz que dizia: “Este é o meu Filho amado; escutem o que ele diz”! Quando se deram conta, não viram mais a Moisés e a Elias, a não ser a Jesus.

O que quer dizer o texto

A Transfiguração é um dos episódios que mostra Jesus preocupado com seus discípulos, porque não compreendiam o caminho da cruz que seu mestre teria que seguir. Deus revela a glória do seu Filho e pede para seus discípulos escutarem o que ele diz.

Jesus diz à multidão e aos discípulos que haveria dentre eles alguns que não morreriam até verem a chegada poderosa do Reino de Deus. O que Jesus quer dizer com isto?! Primeiramente, parece não haver dúvidas de que isso ocorreu com os contemporâneos de Jesus, no entanto não da forma que se esperaria.

A dúvida está sobre qual evento Jesus está falando. A ressurreição e as posteriores aparições de Jesus?! O dia de Pentecoste? Ou a própria Transfiguração, que pode ter ocorrido seis dias [se vistos cronologicamente] depois dessa declaração de Jesus?

v.9: Ao descerem do monte, Jesus lhes ordenou que não divulgassem as coisas que tinham visto, até o dia em que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos.

“Vamos começar pelo fim” e definir sobre qual evento Jesus está se referindo, tomando como base este versículo. Se a gente observar a conversa que Jesus teve com os

discípulos ao descerem do monte, depois da Transfiguração, é muito provável que Jesus esteja falando da ressurreição. “Ao descerem do monte, Jesus lhes ordenou que não divulgassem as coisas que tinham visto, até o dia em que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos. Eles guardaram a recomendação, perguntando uns aos outros o que seria esse ressuscitar dentre os mortos” (Mc 9.9,10).

Voelz diz que neste versículo Jesus está relacionando a Transfiguração com a ressurreição e confirma de que o que aconteceu na montanha é de certa forma uma antecipação da ressurreição dele. Essas palavras de Jesus confirmam como a gente pode cometer o erro que Pedro e outros cometem e cometeram, que é o de se concentrar no fim e não no caminho, na glória e não no sofrimento, no triunfo e não na (aparente) derrota.

Sobre isto, já haveria algo muito importante a enfatizar no domingo da Transfiguração. Na linha de ouvir o que Jesus diz, ele revelou aos discípulos que o caminho dele seria a cruz, o sofrimento, morte e depois a glória da ressurreição (Mc 8.31-33). Aplicando isto a nós, Jesus também nos diz que é preciso tomar a cruz e segui-lo, pois no caminho da glória final (ressurreição) tem sofrimento e derrotas, algo que Pedro não quis admitir em relação a Jesus (Mc 8.32,33).

Explicação do texto

v.1: Dizia-lhes ainda: — Em verdade lhes digo que, dos que aqui se encontram, existem alguns que não passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o Reino de Deus.

Primeiro é preciso lembrar que o reino de Deus já está presente em Jesus. Suas ações não são somente milagres feitos por um “grande homem”, mas são ações escatológicas feitas por Jesus. O reino já está presente em Jesus. Quando João foi preso e ouviu falar das obras de Jesus, ele perguntou se era ele que estava para vir e a resposta de Jesus foi de que milagres estavam acontecendo e atestando a presença do Reino (Mt 11.2-6).

Outra coisa importante a observar é de que se por um lado os milagres atestam de que o Reino de forma poderosa já está presente, por outro, ele vem em grande humildade, causando má compreensão até mesmo depois de Jesus lhes revelar a natureza do seu reino, especialmente por envolver toda a obra salvífica, o sofrimento, a morte e a ressurreição de Jesus. Esses são os pensamentos e caminhos de Deus, não das pessoas (Is 55.8-9).

Assim, a gente poderia parafrasear esse primeiro versículo da seguinte forma: — Em verdade lhes digo que, dos que aqui se encontram, existem alguns que não passarão

pela morte até que vejam que chegou com poder o Reino de Deus, através dos milagres, sofrimento e morte de Jesus, mas especialmente através da poderosa ressurreição. É como se Jesus dissesse, olhe para mim, autor e consumidor da fé, não para os sofrimentos e infortúnios, pois vou dar alguns detalhes do que espera por vocês [mostrando Elias, Moisés] e que aponta para a ressurreição.

v.2: Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e os levou, em particular, a sós, a um alto monte. E Jesus foi transfigurado diante deles.

O detalhe que mais chama atenção aqui são os “seis dias”. Há aqueles que afirmam que eles devam ser vistos cronologicamente, como se referindo o número de dias entre a confissão de Pedro e a Transfiguração. O evangelista Lucas, no entanto, fala em oito dias (Lc 9.28). Por outro lado, há outros que afirmam que não existe um valor cronológico nesses seis dias e que eles precisariam ser interpretados teologicamente. Voelz, por exemplo, vê paralelos com Êxodo 24.16, quando Moisés sobe ao Monte Sinai e a nuvem “o cobriu por seis dias”; a criação foi realizada em seis dias, depois Deus descansou (Gn 2.2-3) e a ressurreição de Jesus que ocorre, segundo Voelz, no sétimo dia da semana¹.

Assim, O momento da Transfiguração teria melhor relação com a terceira opção, no sentido de que a Transfiguração de Jesus é uma antecipação da sua ressurreição.

Sobre o “alto monte”. As montanhas são lugares de revelação e encontros com Deus. Elias e Moisés, por exemplo ambos no Monte Horebe e Sinai (1 Rs 19 e Êx 19-24) e aqui, três discípulos, embora numa montanha desconhecida.

Jesus foi transfigurado ou foi “mudado” diante dos discípulos. Um entendimento diferente da vinda do reino de Deus é revelado aqui. Aqui é empregado um modelo de "realidade oculta". O reino e o governo escatológicos de Deus estão aqui, de forma oculta,

¹ Isto não precisa fazer parte do sermão, embora seja bem interessante, é mais uma curiosidade que está no Comentário de Marcos, escrito por James Voelz. Ele baseia sua argumentação em Marcos 16.2. Partindo do pressuposto de que o que as mulheres estão por fazer parece refletir a restrição da *Mishnah*, segundo a qual se podia esperar até ao anoitecer, no limite do sábado. Voelz afirma que “em 16.1 parece que a atividade é permitida *depois de decorrido o sábado*. Em seguida, 16.2 diz que as mulheres vão ao túmulo logo no primeiro dia da semana, o que soa como se fosse algum tempo depois de terem ido comprar especiarias. Em outras palavras, estes dois versículos não parecem dizer que após o sábado as mulheres foram comprar especiarias e depois foram diretamente para o túmulo”. A melhor explicação para as referências temporais nos dois primeiros versículos de Marcos 16 é que 16.1 reflete a contagem do tempo judaica, com o sábado a terminar, ou o sábado ao pôr do sol. No entanto, 16.2 reflete a contagem do tempo greco-romana, ou seja, que o sábado durava do nascer do sol de sábado ao nascer do sol de Domingo, o que significa que o nascer do sol de Domingo representa "cedo no dia/na manhã, no primeiro dia da semana". (O primeiro dia da semana teria começado no sábado à noite, após o pôr do sol, de acordo com a contagem judaica).

mas plena e completa, ainda que os olhos humanos não sejam capazes de ver a presencialidade do reino.

v.3: As suas roupas se tornaram resplandecentes, de um branco muito intenso, como nenhum lavandeiro no mundo as poderia alvejar.

A roupa branca que ninguém poderia deixar mais branco, possivelmente signifique fazer parte de uma nova dimensão da existência no reino de Deus. A Transfiguração mostra que este novo e definitivo reino está totalmente implementado e revelado. Voelz entende que por isso não é difícil ver este acontecimento como uma antecipação da ressurreição e do novo estado que Jesus ocupará nessa altura na nova criação (cf. Fp. 3.21). Além disso, essa condição de pureza evidenciada pelas vestes de Jesus, deve ser vista como confirmação da presença e ação divinas.

v.4: E lhes apareceu Elias com Moisés, e estavam falando com Jesus.

As presenças desses dois personagens bíblicos do Antigo Testamento podem ser representativas da Lei (Moisés) e dos profetas (Elias). Tanto um quanto o outro tem em sua história um final meio misterioso. Elias, foi elevado às alturas, conforme 2 Reis 2.1-12, uma das alternativas de leitura do Antigo Testamento. Moisés, morreu e foi sepultado em circunstâncias não muito claras (Dt 34.5-6). Ainda há semelhanças no que diz respeito ao fato de que sobre eles é dito que apareceriam de novo (Dt 18.15; Ml 4.5). O que estão conversando com Jesus a gente não sabe. No entanto, Lucas (9.31) menciona que o assunto era a ida para Jerusalém.

vv.5, 6: Então Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: — Mestre, bom é estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para o senhor, outra para Moisés e outra para Elias. Pois não sabia o que dizer, por estarem eles apavorados.

Os três discípulos perceberam que estavam vivendo um momento único, mas não se deram conta que seria passageiro. Em princípio, a proposta de Pedro em fazer as três tendas pode ser algo simples, no entanto, Voelz observa que pode haver uma ligação com a Festa dos Tabernáculos (uma das possibilidades do contexto da leitura do Salmo) e o qual o povo celebra e comemora a viagem do Egito a Canaã sob o cuidado de Deus (Lv 23.40-43).

Os discípulos estavam “completamente apavorados”. O medo é um sinal revelador da atividade divina no Evangelho de Marcos e não apenas um elemento da história (Mc 4.41; 16.8).

v.7: A seguir, veio uma nuvem que os envolveu; e dela veio uma voz que dizia: — Este é o meu Filho amado; escutem o que ele diz!

O elemento da nuvem é de grande significância aqui. Lembra alguns episódios do Antigo Testamento. a) Moisés (Ex 19.9-13; 24.15-18 e 34.1-5); b) a presença do Senhor Deus numa nuvem (Ex 33.9-10; 40.34-38; Nm 9.15-23; 11.24,25 e Dt 31.14-15); c) a nuvem enche a casa do Senhor (1 Rs 8.10-11 e 2 Cr 5.13-14). Na Transfiguração a segunda e a terceira opção parece ser mais pertinentes. De acordo com Voelz, a ação da nuvem pode ser tanto para proteger quanto para ocultar. Aqui, como em Êxodo 40, a nuvem promove a presença especial de Deus, que aclama mais uma vez a Jesus como seu Filho, como aquele que traz a presença do próprio Deus, legitimando assim e de certa forma, que o reino dele vem com poder e por isso faz muito sentido a ordem dada por Deus: “escutem o que ele diz”.

Voelz puxa o paralelo verbal de 1 Macabeus 2.66² para dizer que a declaração de Deus sobre Jesus representa uma transferência de lealdade para aqueles que veem e ouvem. Assim como em 1 Macabeus o velho Matatias ordena a seus filhos que de agora em diante ouçam e obedeçam a Simeão, assim a voz da nuvem, usando essas mesmas palavras (em um cenário semelhante) ordena aos três discípulos que de agora em diante ouçam e obedeçam a Jesus e não duas figuras principais que representam a antiga aliança. Por isso, as duas figuras desaparecem depois da voz que ordena que se ouça. Já não são eles que devem ser ouvidos, mas sim Jesus. Não se trata simplesmente de prestar atenção às palavras de Jesus, ouvindo ao mesmo tempo outras vozes, mas é preciso ouvi-lo a ele e não a outras vozes.

v.8: E, de repente, olhando ao redor, não viram mais ninguém com eles, a não ser Jesus.

Transfiguração	Ressurreição
As suas roupas se tornaram resplandecentes, <i>de um branco muito intenso</i> , como nenhum lavandeiro no mundo as poderia alvejar (9.3).	Entrando no túmulo, viram um jovem sentado ao lado direito, <i>vestido de branco</i> , e ficaram atemorizadas (16.5).
A seguir, veio uma nuvem que os envolveu; e dela veio uma voz que dizia:	Ele, porém, lhes disse: — Não tenham medo! <i>Vocês procuram Jesus, o Nazareno, que</i>

² “Aí está Simeão, vosso irmão, eu sei que é um homem ponderado, ouvi-o sempre e ele será para vós um pai” (Tradução Ecumênica).

— <i>Este é o meu Filho amado</i> ; escutem o que ele diz! (9.7).	<i>foi crucificado</i> ; ele ressuscitou, não está aqui; vejam o lugar onde o tinham colocado (16.6).
Pois não sabia o que dizer, por estarem eles apavorados (9.6).	E, saindo elas, fugiram do sepulcro, porque estavam tomadas de temor e assombro. E não contaram nada a ninguém, porque estavam com medo (16.8).
Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e os levou, em particular, a sós, a um alto monte. E Jesus foi transfigurado diante deles (9.2).	Ele, porém, lhes disse: — Não tenham medo! <i>Vocês procuram Jesus, o Nazareno, que foi crucificado</i> ; ele ressuscitou, não está aqui; vejam o lugar onde o tinham colocado (16.6).

Também com base no quadro comparativo acima, Voelz entende que a Transfiguração de Jesus é uma antecipação da ressurreição do Senhor Jesus.

Sugestão homilética

Eu entendo que o Domingo da Transfiguração retratado pelos textos do Antigo e Novo Testamento, fornecem uma oportunidade de enfatizar que em meio a tantas vozes, inclusive a nossa, Deus me convida a ouvir a Jesus, a começar pela sua declaração de que era preciso passar por sofrimentos, ser morto e depois ressuscitar. Jesus disse aos discípulos que esse é o caminho da cruz, mas é o caminho, inclusive o nosso, pois Jesus falou e nós o ouvimos: “Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, Jesus lhes disse: — Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34).

No caminho da cruz precisamos ouvir a Jesus e a minha sugestão, é que ouçamos, desde o Salmo, Deus nos dizer palavras que nos condenam, mas também que nos dão o alento do perdão e da esperança de que não estamos sozinhos nessa caminhada. O evangelho de Marcos é mais da ação, embora existam nele também momentos de ensino de Jesus, mas vou exemplificar abaixo o que e como pregaria “ouvindo a Jesus”, sem perder de vista o contexto particular das passagens escolhidas.

Marcos 1.41: “E Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou nele e disse: Quero, sim. Fique limpo”.

Marcos 2.17: “Os sãos não precisam de médico e sim os doentes; eu não vim chamar justos e sim pecadores”

Marcos 4.9, 23: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”.

Marcos 5.36: “Não tenha medo; apenas creia”.

Marcos 6.50: “Coragem” Sou eu. Não tenham medo!”.

Rev. Anselmo Ernesto Graff
São Leopoldo, RS